

Leitura na prisão feminina: da biblioteca ao questionamento dos gostos

Paula Sequeiros

Doutorada em Sociologia, pesquisadora [pós-doutoranda no Centro de Estudos](#)

[Sociais](#), Universidade de Coimbra - Colégio de S. Jerónimo, Largo D. Dinis, Apº

3087, 3000-995 Coimbra, Portugal, paulasequeiros@ces.uc.pt. A sua pesquisa

incide sobre usos e práticas nas bibliotecas públicas na sua relação com a leitura e

as novas tecnologias. É ainda Investigadora Associada do Instituto de Sociologia,

Universidade do Porto. Foi bibliotecária e professora na área da Biblioteconomia.

Foi membro do Executive Board e Editora para Portugal do Repositório de Acesso

Aberto [e-LIS](#) onde se podem encontrar [as suas publicações](#).

Resumo

A prisão feminina de Santa Cruz do Bispo, Portugal, foi caso de estudo para compreender as práticas leiturais das reclusas e a sua inserção no quotidiano.

Para inquirir o que leem, porquê e com que significados, desenhou-se uma abordagem qualitativa, metodologicamente diversificada e integrada,

compreendendo etnografia, entrevistas individuais e grupais com leitoras e

intermediadores no processo da leitura. As práticas foram analisadas no contexto

do espaço físico e social, do uso do tempo, das relações com familiares, outras

presas e o pessoal prisional. Analisaram-se alguns títulos favoritos (romances cor-

de-rosa, inscritos na literatura industrial, *light* ou kitsch) tendo em conta géneros

literários e sua possível filiação na produção para públicos femininos e a

desconstrução dos preconceitos de género e de classe associados à sua crítica.

A análise de práticas, concetualizações e representações desvelou traços

interessantes e eventualmente inesperados sobre os modos de leitura observados.
Palavras-chave: prisões femininas; leitura; literatura light; kitsch; romances cor-de-rosa

Abstract

A case study aiming to understand the reading practices of women prisoners and their insertion in the everyday life, was grounded in the prison of Santa Cruz do Bispo, Portugal.

To enquire what was read, why and with what meanings, a qualitative approach was designed, using a diverse and integrated methodology, including ethnography, individual and group interviews with readers and agents in the reading process.

Reading practices were analysed in the context of physical and social space, and the use of time. Relations with family, other detainees and the staff were also considered. Some favourite titles (industrial, *light* or kitsch literature romance novels) were analysed from genres to a likely lineage within the literary production for female audiences, along with the deconstruction of gender and class prejudices associated with such criticism.

The analysis of these practices, conceptualisations and representations has unveiled interesting and occasionally unexpected traits about the observed reading modes.

Keywords: female prisons; reading; light literature; kitsch; romance novels

Résumé

La prison de femmes de Santa Cruz do Bispo, Portugal, a été cas d'étude pour

comprendre les pratiques lectrices des prisonnières et leur intégration dans le quotidien.

Pour enquêter ce que on lisait, pourquoi et avec quelles significations, une approche qualitative a été dessinée, employant une méthodologie diversifiée et intégrée, comprenant l'ethnographie, les entretiens individuels et de groupe auprès de lectrices et d'intermédiaires dans le processus de lecture. Ces pratiques ont été analysés dans le contexte de l'espace physique et social, de l'usage du temps, et des relations avec la famille, les autres incarcérées et le personnel. Quelques titres préférés (romans roses, inscrits dans la littérature *light*, industrielle ou kitsch) ont été analysés, considérant genres littéraires et leur éventuelle filiation dans la production pour un public féminin, ainsi que la déconstruction de préjugés de genre et de classe associés à leur critique.

L'analyse de pratiques, conceptualisations et représentations a dévoilé des traits intéressants et éventuellement inattendus dans les modes de lecture observés.

Mots-clés: prison de femmes; lecture; littérature light; kitsch; roman rose

INTRODUÇÃO

A biblioteca do Estabelecimento Prisional Especial (EPE) de Santa Cruz do Bispo, constitui uma localização social interessante para investigar leitura em bibliotecas dado ser usada, em grande parte, por mulheres das classes populares, o que não é frequente em Portugal.

A média de idades das detidas tem vindo a aumentar nos últimos anos, tendo com isso baixado ainda mais a literacia entre uma população de conhecida baixa escolaridade. Com uma distribuição do tempo certamente bem diferente da habitual fora da prisão, libertadas de tarefas domésticas e parentais, esperar-se-ia que a leitura lhes ocupasse mais tempo.

O objetivo central desta pesquisa foi compreender quais as práticas de leitura em tais condições, quais as leituras preferidas pelas detidas e porquê. Para além disso, e nesse contexto, que significados atribuem à leitura e como os constroem individual e socialmente, qual o papel que atribuem agora à leitura na sua vida quotidiana. A análise teve em conta dimensões sociais, tais como classe, género, etnia, idade, ocupação e educação.

Tendo concluído que os itens mais requisitados eram romances denominados de literatura *light*, de auto-ajuda e histórias trágicas de vida (*miseria lit*), esta pesquisa deu um segundo passo, passando a focar-se também nos títulos e géneros favoritos. Essa categorização é também questionada, dado que a literatura classificada frequentemente, e do ponto de vista do senso comum, como kitsch, ou cor-de-rosa, é classificada em alguns escritos académicos como *light* ou industrial. Tratou-se então de entender se existe alguma genealogia que ligue esta literatura,

quanto a dispositivos estilísticos e narrativos e a conteúdos ideológicos, e se a sua popularidade poderia ser, ainda que parcialmente, explicada pela utilização de dispositivos e conteúdos semelhantes. Para compreender o que atraiu estas leitoras, realizou-se uma análise crítica de um título de cada género e ainda da comparação das passagens favoritas selecionadas de entre vários títulos.

A biblioteca do EPE (feminino) de Santa Cruz do Bispo foi o terreno escolhido para um estudo qualitativo que visou responder a essas questões e à sua evolução ao longo da pesquisa. A instituição, criada em 2004, é dirigida conjuntamente pelo Ministério da Justiça e pela Santa Casa de Misericórdia do Porto, instituição ligada à Igreja Católica. Um protocolo com o município da cidade de Matosinhos, permite às mulheres sob regime aberto de detenção trabalhar em espaços públicos, executando tarefas como jardinagem e limpeza. Nesse âmbito ainda, as detidas fruem do serviço móvel da biblioteca municipal.

A biblioteca, contígua às salas de aula, é gerida pela técnica responsável pelo serviço educativo. Uma detida é responsável pela manutenção e pelo atendimento das usuárias. Contem cerca de 8000 monografias, em grande parte oferta da Fundação Calouste Gulbenkian, algumas revistas e um jornal diário, dois computadores sem acesso à Internet - possível só em aula, sob orientação da professora - e algumas dezenas de CD e cassetes vídeo.

SISTEMA PRISIONAL E LEITURA

A história da prisão moderna é genderizada desde o seu início, nos finais do século XVII, tendo sido moldada por normas patriarcais quanto à sexualidade feminina. Em hospícios eram detidas mulheres moralmente perigosas, prostitutas na sua

maioria. Mas também as que desafiavam a moral dominante podiam ser entregues por pais e pares masculinos, se entendessem que a reputação familiar estava em causa. A correção era imposta através de trabalhos *femininos* e da prédica religiosa (Bosworth, 2000). Recentemente a população feminina encarcerada cresceu fortemente em diversos países, refletindo-se a moral de género em discriminação no tratamento conferido pelos sistemas penal e prisional (Fonseca, 2010; Myers, 1996).

Perante a destruição progressiva do Estado social, as franjas mais desapossadas e marginalizadas das classes trabalhadoras, nas sociedades pós-industriais, passam a ser sujeitas à ação punitiva do Estado neoliberal que assume agora uma “regulação

punitiva da pobreza” a que se adicionam a segregação racial e a marginalização espacial nos bairros pobres (Wacquant, 2012).

O discurso dos sistemas penais foi já centralmente construído em torno da reabilitação, sendo a leitura usada frequentemente como instrumento de controle pelas autoridades prisionais. Orientadas para a biblioterapia (Sweeney, 2008), as bibliotecas foram instrumentalmente pensadas. Posteriormente, e com os resultados de tais programas a serem fortemente questionados, o direito a ler, por si só, pôde ser invocado como justificação central para a sua existência (Barone,1977), contrariando as práticas usuais que instrumentalmente associam leitura ao ensino ou ao melhoramento pessoal.

Se estes são posicionamentos conhecidos perante o papel da leitura por parte dos poderes institucionais, as detidas podem, pelo seu lado, investir a leitura de

diferentes finalidades: recuperar a humanidade de que o aprisionamento as privou; reavaliar histórias e percursos pessoais, aprofundar o auto-conhecimento, atribuir novos significados à sua vida através de experiências vicariais e experimentar novas posições, enquanto sujeitos, em processos identitários (Mendes, 2001), de tipo projetivo (Sweeney, 2004), e ainda melhorar a auto-estima e a literacia (Perez Pulido, 2010).

De seguida e para enquadramento da leitura no Estabelecimento de Santa Cruz, evocarei estudos de diversos casos. Amplamente utilizados foram os de Manuela Ivone P. da Cunha (2002) e de Cristina Reis Fonseca (2010), conforme anotações.

Para análise dos textos favoritos selecionados neste caso, comparei géneros – recorrendo ao conceito de "novela rosa" de Amorós (1968) e ao de kitsch segundo Calinescu (1987). Os conceitos de *light* e kitsch são então discutidos de acordo com teorias sobre o gosto, tendo em conta perspetivas de classe social, de género e algumas análises de contexto histórico. As abordagens feministas ao kitsch e à literatura *light* foram especialmente consideradas.

As Reclusas

Alguns dados sócio-demográficos atualizados foram coligidos a partir de estatísticas do EPE. Do trabalho sobre ele de Fonseca (2010) foram usados os restantes dados estatísticos, chamando à comparação os resultados da década anterior para a prisão feminina de Tires, concelho de Lisboa, reportados por Cunha (2002).

A população detida tem crescido nas últimas décadas sem aparente conexão com a evolução dos níveis de criminalidade (Wacquant, 2010). Portugal tem um dos

números mais elevados de condenadas na UE, com características demográficas particulares: várias mulheres são condenadas simultaneamente com parentes e vizinhos do bairro social, na sequência da repressão ao tráfico de drogas ilícitas que passou a estar policialmente centrada nesses bairros (Cunha, 2002).

Atualmente, cerca de 9% dos detidos em Portugal são mulheres, as quais parecem ser objeto de uma aplicação da lei penal assente em pressupostos patriarcais, dado que os papéis de género, mais do que a lei, terem jogado uma saliente função discriminatória nestas condenações (Matos & Machado, 2007).

Na verdade, o estatuto duplamente desviante usado do discurso jurídico, classificando essas mulheres como criminosas e simultaneamente transgressoras das expectativas dominantes de género, pode refletir-se em sentenças mais pesadas no caso de crimes com violência, supostamente contrária à sua condição feminina “natural” (Fonseca, 2010). De acordo com esse duplo estatuto, também a reabilitação moral das mulheres é promovida pela formação em cuidados domésticos, com crianças e com a família (Cunha, 2002).

Prisão e pobreza estão intimamente ligadas nas vidas da reclusas. Muitas das que trabalhavam fora de casa faziam-no em atividades de economia formal ou informal, sem proteção social. *Entre o bairro e a prisão* (idem), a maioria destas mulheres é apanhada num círculo de pauperização em que o tráfico é simultaneamente produto e produtor. Frequentemente, mulheres estrangeiras são também condenadas como correios de droga (Fonseca, 2010).

De referir ainda que o controle de comportamentos pode ser alcançado com uma multiplicidade de recursos, desde a aplicação de regras e horários uniformes até

atitudes paternalistas de gestores e pessoal, levando a população detida a um estado de "incapacidade aprendida" (Zaitzow & Thomas, 2003).

A CONSTRUÇÃO DO CASO

Desenhou-se uma abordagem qualitativa, teoricamente suportada, apoiada numa conceção metodológica integrada e diversificada. O trabalho empírico decorreu de fevereiro a outubro de 2012. As práticas de leitura foram pesquisadas no seu contexto através de um conjunto de ferramentas, progressivamente adaptadas às dificuldades inerentes às condições do terreno e às sugestões das próprias: observação etnográfica; entrevistas semi-estruturadas, em profundidade, com oito mulheres; conversas informais com presas, guardas prisionais, profissionais do serviço social e responsáveis pela gestão; uma sessão de grupo focal com seis leitoras; relatos de vida escritos por detidas. Uma amostra teórica foi construída de forma a refletir a diversidade, percebida pela sua caracterização estatística, quanto à classe social, idade, educação, etnia, ocupação e frequência de visitas à biblioteca prisional. Usaram-se nomes fictícios para as designar. Note-se que, apesar da vontade expressa generalizada de colaborar na pesquisa, o próprio ciclo-de-vida da prisão nem sempre permitiu um acompanhamento sistematizado das informantes.

Enfocaram-se em especial os títulos preferidos de um tipo específico, a literatura *light*, dado este ser tema ainda pouco investigado, sobretudo do ponto de vista da receção das próprias leitoras. Esses títulos foram analisados tendo em conta a estrutura narrativa e as personagens, o estilo e ainda os temas e posicionamentos ideológicos.

O Estabelecimento de Santa Cruz do Bispo

O edifício prisional apresenta um desenho funcional, integrando materiais de boa qualidade. As detidas estão distribuídas por quatro alas, uma delas com celas para mães e crianças e infantário. As celas estão frequentemente personalizadas com televisões, rádios e cortinas de cores vivas. As presas podem trabalhar algumas horas por dia, geralmente em tarefas sub-qualificadas. Além da escola e das oficinas, frequentam atividades organizadas tais como a catequese.

Alguns dados estatísticos apoiam este retrato: dados nacionais para 2011, indicados entre parênteses retos, e dados do Estabelecimento. No final de 2011 havia 281 presas, um terço estava em regime preventivo. Quase dois terços tinha entre 30 e 49 anos. Cerca de 15% eram estrangeiras [3.9%, estrangeiros residentes]. Passaram pelo ensino básico (4 a 6 anos) 60% [35,4%], cerca de 14% eram iletradas [6,8%], menos de 4% era licenciada [13.6% em 2010]. A maior parte trabalhava fora de casa, algumas eram donas de casa ou desempregadas e uma pequena parte aposentada. A atividade económica mais comum fora de casa era vendedora ambulante ou em feiras. Em 2010, segundo Fonseca (op.cit), a maioria era de etnia branca, a cigana¹ atingia os 17% (para uns estimados 0,06%, no país em geral) e a negra 1,6%. A grande maioria residia no Norte. Drogas e crimes relacionados com estupefacientes representavam 58,5% das condenações, enquanto 35,9% das detidas reincidiam pela segunda vez, pelo menos. A grande maioria eram mães (idem). Podendo ter "visitas íntimas" (Nogueira, 2012), uma vez por mês, casadas ou não, apenas uma percentagem muito baixa realmente as recebia - 9,6% em 2010. As visitas de familiares têm lugar ao domingo.

1 Uso o termo *cigana* dado ser o adotado pela própria comunidade rom em Portugal

Note-se que este Estabelecimento Penal tem estatuto - “Especial” - e características que o tornam singular no panorama prisional português.

A Atmosfera na Prisão

A prisão assemelha-se a um hospital, com os seus longos corredores e instalações muito limpas. Guardas femininas vigiam as alas das celas, os masculinos asseguram a segurança geral. O ambiente é estranhamente calmo, nenhuma tensão aflora claramente, especialmente fora dessas alas. A contenção emocional, e aparente depressão, assomam em muitos rostos, ocasionalmente marcados pelo choro. Medicação e terapia ocupacional são comumente usados para modular comportamentos.

A revolta e o ressentimentos por tratamento injusto parecem ser mais comuns após os primeiros meses de encarceramento, especialmente para quem afirma ter sido injustamente condenada. É provável que parte dessas mulheres tenha sofrido abusos de familiares masculinos - pelo menos metade, segundo estudos dos EUA (Ferraro & Moe, 2003; Sweeney, 2004). Uma das técnicas afirmou que, pelo seu conhecimento empírico, o mesmo se aplica nesta prisão, embora as próprias possam não conceber essas situações como abusivas. Muitas sofrem de toxicodependência. A detenção pode assim ser sentida, paradoxalmente, como alívio, pelo menos parcial (Matos & Machado, 2007; Zaitzow & Thomas, 2003), como algumas mulheres me confidenciaram: a prisão tinha-lhes proporcionado os condições de tratamento a que não tinham conseguido aceder antes. Devo aliás acrescentar que guardo a impressão de ser a inculcação dessa melhoria comparativa usada como um meio adicional de submissão.

Áreas comuns como a escola, oficinas, biblioteca ou até a capela – ocasionalmente adaptada para ginásio – são lugares de convívio discreto, conversas privadas não são permitidas.

Guardas femininas mostram por vezes uma condescendência maternal:

“Vá lá, limpe essas lágrimas, arranje-me essa cara, e não a quero ver assim outra vez”;

“lembre-se disto, não se envolva com o tipo errado de pessoas, aqui!”;

"pegue neste livro, leia, vá ao ginásio, vai sentir-se melhor".

A avaliação de atos passados conducentes à prisão e as ideias sobre um futuro lá fora são expressas em discursos frequentemente matizados por um tom (religioso?) de melhoramento pessoal, sendo a condição atual referida, paradoxalmente, como “oportunidade” para aperfeiçoamento. Assumindo a conformidade e a submissão ao sistema como facetas do sistema prisional, podem as detidas ter internalizado o seu discurso institucional (Goffman, 1961). Além do mais, pareceu-me, recorrer a esse discurso legitimado seria estratégia de defesa muito provável em ambiente de permanente vigilância e onde a minha presença se pôde tornar alvo de desconfiança, ela própria, o que episodicamente registei. Manuela², por exemplo, explica que provavelmente teria morrido se a sua toxicodependência não tivesse sido ali tratada - tal como a dentição o fora -, o que não conseguira lograr no exterior. Sente que recuperou o controle sobre a sua vida e sente-o como realização pessoal e exemplo para os filhos. Com aulas de artes e ofícios, com atuação teatral, as mulheres descobrem, como referiram muitas vezes

2 50 anos, classe baixa, a completar o 9º ano

Celeste³ e Margarida⁴, formas de expressão e criatividade que “não sabíamos que tínhamos dentro de nós”. Frequentando a escola, lendo autores até aí desconhecidos, vislumbram realidades e experimentam emoções que lhes ampliam horizontes. Estas atividades podem reinvesti-las com traços de sensibilidade que a condição de presas lhes roubara e dar lugar a valorização e reconhecimento por terceiros, dentro e fora da prisão, caso da performance teatral recente que tivera cobertura dos meios de comunicação.

Contudo, isso não significa uma assunção de justiça. Não significa tão pouco que, pelo seu olhar ou pelo de terceiros, não representem a prisão como “escola de crime”, sítio onde se aprende a “refundir” droga e onde se pode ser atraída para o tráfico. Um dos traços mais perturbantes para o seu quotidiano, e que infundia um sentimento de injustiça, era um uso excessivo de regras, frequentemente tácitas, que constantemente mudavam mas cuja violação seria razão para castigo. Já uma importante aprendizagem, feita dentro do sistema, é a do aproveitamento de cada oportunidade para combater a solidão e para obter capacidades e recursos cognitivos ou emocionais, aprendizagem constituída numa forma de resistir à despersonalização e de alimentar esperança numa vida melhor. Maria João⁵, estabelece uma curiosa associação entre este ambiente e o do “colégio interno católico” que frequentou, contra vontade, quando adolescente, “só que este é mais brando”. Kadija⁶ explica como chegou àquela situação: “Sempre trabalhei, como meu marido. Trabalhei limpezas, às vezes no [nomeia cadeia de supermercados]. Depois comprámos essas coisas e ele queria voltar lá [Guiné-

3 43, técnica do terciário, classe média-baixa, 12º ano, estudou no estrangeiro

4 41, técnica da indústria, classe média-baixa, 12º ano

5 54, profissional das artes, curso superior, oscilação frequente entre classe média e baixa, estudou no estrangeiro

6 51, classe baixa, 6º ano de escolaridade

Bissau] para trabalhar e eu não queria, não queria deixar os meus [quatro] filhos cá. Depois em 2009 começa não haver trabalho, eu tinha carro, filhos, coisas para pagar, é quando é essa desgraça, eu fui buscar droga”.

A evocação dos laços familiares, com os filhos em especial, foi sempre central nas suas narrativas, sabendo-se que mesmo na prisão as mulheres mantêm um significativo papel de cuidadoras, como traço característico de género (Cunha, 2002).

Leitura e Biblioteca, Antes e Durante

Sem catálogos, os livros são arrumados por temas. Em geral, as leitoras não percorrem prateleiras, consultam a “colega” que trabalha na biblioteca. “Lê isto, vai te fazer bem!”, aconselha ela. Este aconselhamento, seguido pelo das professoras, revelou-se aliás o mais apreciado e disponível “sistema de referência” bibliotecário. Os pedidos de lazer ou para estudo recaem sobre diminuta parte da coleção, os livros oferecidos raramente lhes respondem, numa desadequação já mencionada por Eiras (2007).

Contrariamente às alas, a biblioteca é sentida como um lugar calmo. A conversa, não autorizada, faz-se aí com recato. A leitura faz-se depois, em geral nas celas à noite, quando o tempo “custa tanto a passar”.

Embora ler possa não ter sido sequer uma possibilidade para algumas delas, “há ciganas que sabem ler!”, exclama Maria⁷, sorriso confiante, orgulhoso. Impedidas de ir à escola, ao contrário dos rapazes, por pais – no caso de Maria – ou maridos – no de Dayara⁸ –, podem obter agora um certificado de ensino secundário na prisão.

7 55, a completar 9º ano

8 30, vendedora ambulante, a completar o 9º ano

Em geral, os livros não tinham sido nem seus conhecidos nem próximos, a compra era inacessível às de famílias de menores rendimentos. Duas mulheres recordaram que a feira do livro era, na sua infância, oportunidade única no ano para que lhes comprassem um.

A leitura de jornais foi e ainda é um hábito para apenas umas quantas, a maioria prefere assistir aos noticiários nas celas. As revistas disponíveis não são muito apreciadas, exceto as de manualidades. Curiosamente, as revistas “femininas” centradas na vida de *socialites* foram objeto de escárnio por duas das mais jovens entrevistadas. Diz Helena⁹: “são coisas que não me dizem nada”, os comentários às vidas alheias “nas revistas, televisão, no dia a dia”. São, em geral, folheadas descuidadamente, para passar o tempo.

Visitar a biblioteca era um hábito novo: raras frequentadoras prévias encontrei e, entre elas, uma só fora visitante frequente antes da prisão. Quase todas as inquiridas argumentaram que, com ocupações familiares, não tinham o tempo desejado para ler. A leitura tornara-se mais frequente para quem entrara já como leitora intensiva. Algumas declararam ainda que esta biblioteca lhes apresentara autores e títulos que não teriam, muito provavelmente, conhecido no seu curso normal da vida.

Após a prisão, algumas mulheres recuperaram ou reforçaram uma prática de intimidade:

“Aqui, encontrei-me de novo na literatura” (Manuela).

“Sabe quem é o meu melhor amante, todas as noites? É um livro, porque eu

9 18, família proprietária de lojas, a completar o 9º ano

durmo com esse livro e tenho muitas emoções!” (Margarida).

Conhecida a relativa homogeneidade social desta população prisional, as opções de leitura variam interindividualmente, contudo, em géneros e tipos de documentos – poesia, romance, romances históricos ou policiais, livros de auto-ajuda, de biografias trágicas, de cozinha, jornais, revistas -, havendo lugar a variações intra-individuais também, ao longo do período de aprisionamento (Horta & Marques, 2008). Alguns autores aclamados, referidos na imprensa, incluindo escritores “sérios”, são ocasionalmente objeto de pedidos locais - José Luís Peixoto, Mia Couto, Mario Benedetti - ou, excepcionalmente, re-endereçados para o serviço móvel municipal. Os géneros mais solicitados são o romance cor-de-rosa, as histórias trágicas de vida – incluindo as que tomam a prisão ou as drogas como tema central –, o romance de auto-ajuda e a poesia erótica. Atente-se que as escolhas são condicionadas pela disponibilidade no local e que a biblioteca municipal, com limitações de pessoal, não reúne neste momento condições para proporcionar atendimento cuidado nem resposta atempada aos interesses expressos. Kadija, por exemplo, manifesta o seu desapontamento por não haver na prisão “mais livros de autores africanos”, diz apreciar livros que tenham a ver com a África onde nasceu.

Mulheres mais jovens ocasionalmente jogam no computador. Assistir a vídeos é uma atividade apreciada, há visitantes regulares da biblioteca com esse fim.

Romances cor-de-rosa, ainda que lidos avidamente, “não precisam ser verdade” afirmam, fazendo questão de demonstrar a consciência da sua ficcionalidade.

Alguns títulos favoritos estão constantemente emprestados. Projetar-se em

personagens, viver vicarialmente as suas experiências, aferir atos próprios com os dessas personagens, imaginar vidas alternativas, foram frequentemente mencionados como fundamentais num trabalho introspetivo intenso realizado por mulheres em processos de acerto de contas com o passado e a planear um futuro pós-saída (Sweeney, 2008; 2010). “Vou ver se sou uma boa mãe”, disse Maria João, lendo um livro recomendado na TV. “Já estou nos 50, [mas] se eu tivesse projetado aquela alternativa que encontrei no livro talvez a solução [que levou à condenação] tivesse sido diferente”, declarou Margarida. “Estamos sempre à espera que haja passagens, frases, que se identifiquem com as nossas vidas”, explica Maria João.

Tentei perceber se os hábitos de leitura haviam mudado após a detenção. Com respostas negativas, entendi, contudo, que as mulheres pretendiam assim reforçar auto-representações identitárias, como se tivessem permanecido intocadas por um ambiente construído como moralmente negativo. A questão aclarou-se depois: se não mudaram as práticas, mudaram os seus significados. Privadas de liberdade, lidando com culpa, arrependimento, solidão, raiva, saudade, resistindo a processos de homogeneização na prisão, investindo em práticas identitárias individualizantes de cuidados pessoais, de decoração das celas, a vida afetiva tornara-se diferente: “aqui dentro, sob detenção, sentimos tudo de uma maneira mais forte....”, explica Margarida, “.... a dobrar...”, atalhou Celeste, “... vivemos tudo mais intensamente!”, concordou Maria João. Novos significados são construídos, incluindo para o que se relê.

Emocionalmente, um papel importante é atribuído à leitura, frequentemente descrita como

“remédio sagrado” para chamar o sono, “terapia”, “consolação”, “escape”, mas também “adrenalina”, promovendo a “excitação” ausente numa vida espartilhada pelas rotinas.

“Daqui a única coisa boa que levo é a escola, porque de resto é dia após dia, dia após dia, o cérebro cada vez fica mais lento, cada vez me sinto mais distanciada da sociedade, com mais medo do que vou encontrar. Porque é muito tempo!, isolada. Mas eu não sou ninguém para ir contra o sistema. Por isso tenho que aguentar” (Helena).

As histórias trágicas de vida são por isso apreciadas. Ler Christiane F.¹⁰, fez Helena sentir-se "bem", ela também tinha "conseguido sair da droga". Poemas eróticos, do livro *Con-sensual-idade* de Teresa Machado, um dos mais pedidos, são usados para escrever cartas de amor em analogia aliás com outras prisões (Álvarez & Álvarez, 2011; Sweeney (2010). "Fazer as nossas coisas" - manualidades, escrita e artes - podem aqui “tornar-se quase um vício”, declarou Margarida.

A leitura é também apoio na aprendizagem da escrita para quem estudou no estrangeiro, ou por pouco anos, ou ainda para quem o português não foi língua-mãe.

As suas representações de leitura apresentam contornos diversos. As mais evocadas ancoram-se no trabalho emocional – equilíbrio, excitação –, associado à reflexividade sobre identidades em equação e mudança – auto-avaliação, projeção em personagens, exploração prospetiva de formas de vida. Adicionalmente emergem representações baseadas no entretenimento e no escapismo (Pereira, 2011), ou na construção de conhecimento, no caso de mulheres com menos

¹⁰ *Os filhos da droga*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1981.

escolaridade. Para outras leitoras, mais intensivas e experientes, com modos de leitura cumulativos, as representações são complexas, combinando várias imagens representacionais.

Os Títulos Favoritos

Conhecidos os títulos mais requisitados e os sinalizados nas entrevistas como favoritos, decidi focar a minha análise no género de longe mais popular, o romance cor-de-rosa da literatura *light* ou industrial. O livro de auto-ajuda seguia-se na ordem de referências, juntamente com as histórias de vida dramáticas. Alguns dos títulos cor-de-rosa mais lidos apresentavam também uma faceta de auto-ajuda, o que as leitoras haviam já sinalizado. Acontece contudo que autoras e autores podem classificar-se a si próprios diferentemente: Modignani fala de “romance cor-de-rosa”, Paulo Coelho de “esotérico” ou “auto-ajuda” e Margarida Rebelo Pinto insiste em “pop”, vincando assim a intenção de se opor a uma postura intelectual alegadamente adotada nas obras dos seus críticos. Comummente, esta literatura é referida também como kitsch.

Para as leitoras do grupo focal há, no entanto, uma única categoria de romance, que subentendem ser “romântico”. Um bom romance, consideram, deve simultaneamente conter personagens com quem sintam empatia, uma escrita adequada às suas capacidades leiturais, deve ainda proporcionar prazer, ou, pelo menos, um final feliz ou reparador.

Surgiram então novas questões. Como e porque valorizam esses títulos e que traços as atraem mais? Alguma genealogia literária pode explicar, mesmo que parcialmente, o seu sucesso?

Uma análise comparativa das características principais das três obras focou-se nos dispositivos narrativos e estilísticos e nos conteúdos temáticos e/ou ideológicos. Do elenco total de títulos preferidos, escolhi três dos mais populares: *Um sonho de vida* de Nora Roberts, *Onze minutos* de Paulo Coelho, e *Uma chuva de diamantes* de Sveva Casati Modignani¹¹.

Às leitoras pedi que, de cada, selecionassem as duas ou três passagens favoritas. Sem surpresa, as três que menos dificuldade revelaram nessa tarefa eram das leitoras mais ávidas, antes e durante o tempo de prisão. As seleções evidenciam a evocação de situações semelhantes às vividas pelas próprias, enredos e personagens servindo-lhes de referência e ponto de aferição. Apenas um comentário, a *Uma chuva de diamantes*, referia opções estilísticas – “um jorro quente de lágrimas”, tão mais bonito do que simplesmente “chorar”, explicou Celeste.

Como nota final, relevo a importância da leitura nas sociabilidades das reclusas, incluindo nos processos informais e grupais de formação de opinião sobre o que leem.

Comparação entre Títulos e Linhagem Literária

De seguida, comparo sumariamente enredos e personagens dos três romances. Depois, abordo os conceitos de literatura cor-de-rosa e kitsch e a sua aplicabilidade aqui. Por fim, confronto os resultados dessa análise comparativa com as razões de preferência declaradas.

Os três romances evidenciam o uso de fórmulas literárias que não são novas. A

11 COELHO, Paulo. *Onze minutos*. 2ª ed. Cascais: Pergaminho, 2007; MODIGNANI, Sveva Casati. *Uma chuva de diamantes*. Porto : Asa, 2006; ROBERTS, Nora. *Um sonho de vida*. Sintra: Arte Plural, 2005.

narrativa centra-se numa mulher de classe baixa em ascensão social por ligação a um homem rico e mais velho. O amor – aqui sinédoque para o amor heterossexual – acontece, “naturalmente”, à primeira vista e pode ser ameaçado por problemas sexuais que só um verdadeiro amor supera. As heroínas, ainda que personagens autónomas, com ideias próprias, e inicialmente avessas ao apaixonamento, acabam por ceder, cumprindo assim com o papel do ser imperfeito que se completa no casamento e talvez na maternidade, na linha do ideal platónico do encontro entre “almas gémeas”. Os protagonistas masculinos, maduros em idade e mentalidade, calmos e fortes, são ricos, proporcionando um perfeito apoio financeiro e emocional. Os seus nomes podem ter um toque aristocrático (Byron de Wit, em *Um sonho de vida*). De contornos pouco claros, os retratos físicos e psicológicos facilitam a projeção emocional. Trabalho ou dinheiro são questões rodeadas de omissões, as fortunas simplesmente acumulam-se, mesmo em circunstâncias adversas. Os problemas sociais ora estão ausentes ora, se nomeados, são logo descartados (a guerra, em Modignani) ou ridicularizados (manifestações de curdos, em Coelho). As estruturas narrativas estão permeadas por inconsistências – aliás facilmente identificadas por fãs, segundo *posts* em Sítios como Goodreads, blogues pessoais ou livrarias on-line. O mesmo se aplica à repetitividade de enredos e situações. Não apenas este último traço, como o anterior, são muito provavelmente o resultado previsível duma escrita em massa, podendo os seus autores chegar a lançar vários títulos por ano. As personagens podem aparecer em mais de um livro, em similaridade com as novelas e séries de TV, caso da série *Sonho* de Modignani. Alguns ambientes de interiores domésticos, aliás, fizeram-me amiudadamente recordar imagens de propaganda comercial,

com várias décadas já.

A Novela Rosa segundo Amorós

Todos estes traços são coincidentes com os que Amorós usa para caracterizar a “novela rosa”, publicada desde 1946 até ao presente, e em que sobressaiu a autora Corín Tellado. A diferença mais evidente reside no facto de que as protagonistas contemporâneas são investidas de carácter mais forte. Os homens não são necessariamente o lado do par que resiste a casar, pelo contrário, as mulheres estão agora dotadas de alguns desses traços, estereotipicamente masculinos. Cinquenta anos depois, essas mulheres são ainda retratadas como sujeitos secundarizados: se “emancipadas”, é o estereótipo patriarcal que as apresenta como masculinas, sem emoções, atributo de que se libertam por fim por intervenção do herói contracenante.

O uso de dispositivos estilísticos, anteriormente abundantes - tais como a adjetivação afetada - não ocorre frequentemente nos três casos. O melodramatismo extremo já não é ingrediente básico. Os dispositivos literários parecem aliás restritos a um mínimo.

Ao contrário de Amorós, não presumo que o uso de linguagem coloquial, encontrada igualmente nestas obras, deva ser considerado marcador distintivo da literatura rosa ou industrial, autores contemporâneos usam-na também na literatura enquadrada pelo cânon académico.

Literatura Industrial e Kitsch

Grupos da classe média do século XIX alimentaram ideologicamente os

fundamentos estéticos do kitsch, segundo Calinescu (1987), ao pretenderem imitar o gosto da aristocracia deposta. Atualmente, uma referenciação de classe à aristocracia será desadequada, contudo alguns traços do kitsch persistem na literatura industrial: a burguesia alta parece ter tomado o lugar dos aristocratas, as aspirações oriundas do meio da escala social refletem agora traços do seu (suposto) modo de vida.

Com efeito, o desprezo social pela literatura industrial pode ser interpretado como transferência do desprezo para com as camadas mais baixas da pequena burguesia, classe com que ninguém se quer identificar, marcada pelo persistente pesadelo de cair na pobreza. As camadas inferiores da classe média podem ser “a classe social com a mais baixa reputação em toda a história da teoria das classes” (Hartley apud Felski, 2000, p. 46), com uma “identidade negativa”, não tendo “nada a declarar” quanto à mudança social, frisa Felski (2000).

Esta classe média mais baixa está hoje fortemente feminizada, as mulheres constituindo uma grande parte do trabalho no setor terciário. Alguns valores tradicionalistas estão também associados às mulheres: “domesticidade, puritanismo, aspirações dirigidas ao refinamento” (idem, p. 48). Assim, a literatura industrial aparenta uma aproximação à classe-média-baixa, à medida que esta se torna mais letrada. Efetivamente, kitsch e *light-lit* (*chick lit*, como por vezes é designada também) partilham este rótulo de feminilidade. É um exercício interessante, contudo, comparar a rotulagem de romances rosa industriais ou de revistas femininas e outras formas de escrita “inferiores”, segundo o cânon. Se comparados com os jornais desportivos, com um análogo papel de género no lazer,

os preconceitos afloram, já que estes últimos não são objeto de análoga depreciação.

Uma Receita de Sucesso Comercial

Comparo, de seguida, as principais características destes romances industriais com as do kitsch, usando a perspectiva de Calinescu (1987).

Consideremos primeiro a evitação do risco, característica fundamental, consubstanciada em "repetição, banalidade, trivialidade" (p. 226). Tanto o kitsch como o *light* são produtos culturais do industrialismo e talvez até mais claramente, para Calinescu, produtos do espírito de decadência gerado pelo sistema capitalista industrial. Presentemente os romances são escritos de acordo com uma fórmula de produção em massa, automatizada, traduzidos para uma grande variedade de línguas: a tecnologia facilita a produção e difusão, a comercialização planeia-se à escala global. As vendas já não são medidas em milhares, mas em milhões de exemplares. Expostas em toda a parte, desde supermercados e postos de correios até tabacarias, essas novelas são promovidas por grandes livrarias e cadeias em lançamentos espetacularizados, a preços baixos, com capas e títulos cativantes. Os autores *light*, frequentemente inseridos no sistema de estrelato televisivo e publicitário, chegam a ser recrutados pelos editores entre apresentadores de notícias e *copywriters* (Pinho, Teixeira e Ferreira, 2009).

Em seguida, consideremos o kitsch como literatura baseada em "sensações falsas", "experiência vicarial" e "uma estética de decepção e auto-decepção" na ótica de Calinescu (1987, p. 229). Um sentimentalismo feito de lembranças de um passado idílico, de

“fantasias que servem de pontos cálidos nas nossas vidas frias [...] lembrando-nos que as coisas foram boas outrora e que as coisas podem ficar boas de novo”,

é talvez o seu elemento mais marcante, comenta Felski (1990, p. 10-11). Nos romances rosa atuais a nostalgia não está necessariamente vinculada a factos das vidas das heroínas, está sim claramente associada a modelos regressivos de papéis de género, caso da persistência do estatuto de mãe/mulher casada como condição para uma vida perfeita.

Se considerarmos o efeito de relaxamento hedonista, tanto um como outro estilo propiciam resultados semelhantes. O hedonismo, em Calinescu, aparece intimamente ligado a um centramento num eu des-socializado, talvez ligado a um auto-aperfeiçoamento dirigido à supremacia individual, como resposta aos problemas da vida quotidiana. O excesso no âmbito das relações amorosas, antídoto e salvação para um quotidiano entediante, é não só permitido como, aparentemente, esperado. No final feliz reside a “promessa de uma catarse fácil” (p. 228).

Por fim, o kitsch é concebido como inadequação estética ao mobilizar temas e apropriar-se, de forma estranha, fora de contexto, de partes de obras com anterior alto estatuto. A literatura *light* pode, ainda e ocasionalmente, ir buscar referências aristocráticas, embora pareça assente em ambientes incaraterísticos, ou do tipo manta de retalhos eclética, facilitando o marketing para um público vasto. O estilo tende a ser lhano, o nível de linguagem bastante comum. Aparentemente desprovida de preocupações estéticas, é literatura construída na assunção de

contraposição a uma postura acadêmica, erudita ou como uma receita – condescendente – orientada para o que "as massas" apreciariam.

O sentido de domesticidade, ou os seus valores – tomados frequentemente como característicos dessas mulheres leitoras, como sugerido acima – podem ganhar um novo matiz nesta literatura. Temas e ideias familiares, e até personagens recorrentes, fornecem o aconchego do já conhecido. Domesticidade casa com repetição tranquilizante e com evitação do que é novo.

Assim, de forma concisa, a novela *light* incorpora as fórmulas repetitivas, os enredos, temas e personagens estereotipados, a emocionalidade do kitsch e uma estética e ideologia semelhantes.

Aqui o contributo de Jameson surge como resposta que frisa a complexidade desta questão: não se trata de reduzir o apreço manifestado pela cultura de massas, partilhado por várias classes sociais, a uma vã distração ou a uma mera consciência falsa, de quem lê neste caso. Importa antes compreender como a sua fruição proporciona “um trabalho transformacional sobre ansiedades e fantasias sociais e políticas” que é “gerido” na tensão entre a simultânea satisfação e repressão do desejo (Jameson, 1980).

Além de tudo o mais, e não em oposição total a Calinescu mas indo além do seu ponto de vista, adiro à ênfase colocada por Radway (1984) ou Sweeney (2010) no facto de a leitura ser também instância para agência e resistência, podendo as leitoras apropriar-se das narrativas para diferentes fins. Assim, equiparar uma experiência vicarial a falsidade ou auto-deceção é, parece-me, um juízo demasiado simplista e redutor. Como nota Olalquiaga (1998), e recordando Walter Benjamin,

em tempos de crise o símbolo é esvaziado de significado e a alegoria toma o seu lugar, enquanto forma externa que assumirá novos significados no processo de apropriação. O kitsch é então uma resposta que assume a forma de sensibilidade da perda, sustentado-se na recriação de memórias ou de fantasias de um passado idílico. Esta perspetiva, que adoto, permite superar leituras deterministas do significado do kitsch, assim como evitar o rótulo estigmatizante duma auto-deceção ao frisar o papel da apropriação e recriação pessoais. Entendo, ainda assim, que a produção dos textos analisados não deixa de se basear na repetição, no estereótipo, numa ideologia socialmente regressiva.

Algumas observações adicionais sobre o consumo de literatura industrial: apesar de outras categorias poderem cumprir os critérios, segundo as entrevistadas, de uma leitura apreciada – com a eventual exceção do final feliz –, a única categoria de romance maciçamente presente na biblioteca é a *light*, precisamente. É conhecido, mas será conveniente reforçar, que diversas pessoas, incluindo as e os leitores intensivos de outros géneros, consomem esta literatura, em perfis leiturais cumulativos. Várias profissionais neste serviço educativo apreciam-na também. Ora este é o momento para realçar que o que se lê mais dentro da prisão corresponde ao que mais se vende cá fora.

Se as apropriações são as táticas dos fracos (Certeau, 1990) e corroboram, não negando portanto, as relações de dominação, entendo estas apropriações leiturais na prisão como formas de contornar debilidades na procura e desadequações na oferta, construindo experiências de leitura a partir daquilo que está ao alcance da mão, ou seja como opções feitas no âmbito de fortes constrangimentos. Este

campo de opções será, muito certamente, ainda mais apertado do que o existente no exterior para algumas leitoras. Já para muitas outras, as opções de leitura surgiram quase por completo pela primeira vez dentro da prisão. Note-se ainda que muitas detidas não têm acesso, na prática, à biblioteca prisional e que este acesso seria restringido, com toda a probabilidade e em analogia com outros estabelecimentos, em caso de punição.

CONCLUSÕES

Uma nova alocação de tempo, a disponibilidade de livros na biblioteca e a escolarização têm levado à promoção da leitura no EPE de Santa Cruz do Bispo. É em reclusão que muitas das mulheres detidas acabam por ter um contacto primeiro com uma biblioteca e com a leitura de lazer, o que reenvia para as deficientes ou inexistentes oportunidades sociais para o fazerem fora da prisão. A biblioteca e a leitura na prisão desempenham um papel de relevo nas sociabilidades das detidas.

As preferências de leitura das detidas variam, estendendo-se por géneros literários e mostrando combinações individuais de gosto. Os romances cor-de-rosa, industriais ou *light* são os mais apreciados, num modo de leitura complexo, associando emocionalidade e reflexividade, convocado para o trabalho interior requerido por processos identitários, assente tanto em avaliação do passado como em projetos de vida futura. Os modos de leitura escapista e de entretenimento têm lugar importante também entre as práticas de leitura, registando-se ainda um modo de aquisição de conhecimento.

A análise de romances atualmente rotulados como *light* permite concluir que estes

são versões contemporâneas do romance rosa e kitsch, partilhando com eles diversos dos seus traços.

Esta literatura, com frequentes referências ideológicas regressivas, é produzida com claras finalidades de comercialização em massa. Contudo, deve notar-se que preconceitos sociais de classe e de género tendem a vir à superfície em muita da crítica que lhe é dirigida, e que como tal merece ser desconstruída. É importante ainda salientar que as interpretações pessoais e as finalidades pessoais atribuídas à leitura se refletem nas apropriações táticas das leitoras detidas, as quais usam a literatura *light* como um meio disponível para lidar com a sua vida de encarceramento, no que revelam uma margem de manobra possível enquanto leitoras sociais.

Esta investigação suscitou ainda a necessidade de compreensão de como o prazer estético estará incorporado nestes modos de leitura e associado aos seus objetos, o que entendo carecer exploração posterior.

Não propondo, embora, que bibliotecas de prisão – ou outras – devam ter uma abordagem preconceituosa banindo a literatura industrial, proponho sim que promovam, a par de práticas de leitura grupal e crítica destas e outras obras, a diversificação de géneros, autores e estilos que possam efetivamente facilitar a formação dos gostos e que ampliem as possibilidades de desenvolver modos de ler diversos.

Agradecimentos

Às mulheres detidas no EPE de Santa Cruz o meu especial reconhecimento pela

forma aberta e entusiasmada como colaboraram com esta pesquisa. A seu pedido, aqui deixo o apelo que me transmitiram: «Não se esqueçam de nós. Aqui dentro, e nestes tempos, temos sempre imenso receio que se esqueçam que nós existimos».

A conversa com Miguel Horta, animador de leitura em prisões em Portugal, foi particularmente enriquecedora para este trabalho, nomeadamente ao permitir alguma comparação com os contextos prisionais masculinos.

A diversas amigas e amigos, o meu agradecimento, por partilharem comigo os seus gostos e desgostos de leitura e por me terem apoiado com a suas perspetivas do que ler literatura industrial representa para si.

BIBLIOGRAFIA

ÁLVAREZ, Carolina.; ÁLVAREZ, Nicolás. Hábitos lectores en el CCP Colina I: una aproximación cualitativa a la experiencia de lectura en las cárceles. *Serie Bibliotecología y Gestión de Información*, n. 67, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10760/16139>>.

AMORÓS, Andrés. *Sociología de una novela rosa*. Madrid: Taurus, 1968.

BARONE, Richard M. De-programming prison libraries. *Special Libraries*, v. 68, n. 9, p. 293-298, 1977.

BOSWORTH, Mary. Confining Femininity: A History of Gender, Power and Imprisonment. *Theoretical Criminology*, 00023, v. 4, n. 3, p. 265-284, ago. 2000.

CALINESCU, Matei. *Five faces of modernity: modernism, avant-garde, decadence, kitsch, postmodernism*. Durham: Duke University Press, 1987.

CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien: art de faire*. 2nd. ed. Paris: Gallimard, 1990.

CUNHA, Maria Ivone P. da. *Entre o bairro e a prisão*. Lisboa: Fim de Século, 2002.

EIRAS, Bruno Duarte. Uma janela para o mundo: bibliotecas e bibliotecários em meio prisional. 2007, Ponta Delgada. *Anais...* Ponta Delgada: BAD, 2007. p. 7. Disponível em: <www.apbad.pt/Downloads/congresso9/COM59.pdf>.

FELSKI, Rita. Kitsch, romance fiction and male paranoia: Stephen King meets the Frankfurt School. *Continuum: The Australian Journal of Media & Culture*, v. 4, n. 1, 1990. Disponível em: <<http://wwwmcc.murdoch.edu.au/ReadingRoom/4.1/Felski.html>>.

_____. *Doing time: feminist theory and postmodern culture*. New York: NYU Press, 2000.

FERRARO, Kathleen J.; MOE, Angela M. Women's stories of survival and resistance. In: ZAITZOW, Barbara H.; THOMAS, Angela M. (Orgs.). *Women in prison: gender and social control*. London: Lynne Rienner, 2003. p. 65-93.

FONSECA, Cristina Reis. *Crime e castigo: as mulheres na prisão*. Coimbra: Almedina, 2010.

GOFFMAN, Erving. *Asylums: essays on the social situation of mental patients and other inmates*. Garden City, N.Y.: Anchor Books, 1961.

HORTA, Miguel; MARQUES, Alexandra. Reclusas preferem casos de amor e policiais duros. *Jornal de Notícias*, Porto, ago. 2008. Disponível em: <http://www.jn.pt/PaginalInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=994399>.

MATOS, Raquel.; MACHADO, Carla. Reclusão e laços sociais: discursos no feminino. *Análise Social*, v. XLII, n. 185, p. 1041-1054, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0003-25732007000400005&script=sci_arttext>.

MENDES, José Manuel. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Afrontamento, 2001. p. 489-523.

MYERS, Tamara. *Criminal women and bad girls: regulation and punishment in Montréal, 1890-1930*. Montréal: McGill University, 1996. Disponível em: <http://digitool.library.mcgill.ca/R/?func=dbin-jump-full&object_id=40209&local_base=GEN01-MCG02>.

NOGUEIRA, Patrícia. *3 Horas para Amar* [filme]. Porto: ESMAE / IPP, 2013.

OLALQUIAGA, Celeste. *The artificial kingdom: a treasury of the kitsch experience*. New York: Pantheon Books, 1998.

PEREIRA, Ana Cristina; PIMENTA, Rita; MIRANDA, Adriano. Ler é fugir daqui. *Público*, Porto, 2 out. 2011. Pública, p. 18-35.

PEREZ PULIDO, Margarita. Programs promoting reading in Spanish prisons. *IFLA Journal*, v. 36, n. 2, p. 131-137, jul. 2010.

PINHO, Nuno.; TEIXEIRA, Samuel.; FERREIRA, Sónia. *Saber o bem que se quer: Sei Lá, de Margarida Rebelo Pinto e Oficina do Livro, como caso de sucesso em marketing editorial* [pre-print]. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/17165076/Versao-preliminar-Nuno-Pinho-Samuel->

Teixeira-Sonia-Ferreira-Marketing-do-Livro-Sei-La>.

RADWAY, Janice. *Reading the romance: women, patriarchy, and popular literature*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984.

SWEENEY, Megan. Prison narratives, narrative prisons: incarcerated women reading Gayl Jones's "Eva's Man". *Feminist Studies*, v. 30, n. 2, p. 456-483, 2004.

_____. Reading and reckoning in a women's prison. *Texas Studies in Literature and Language*, v. 50, n. 3, p. 304-328, 2008.

_____. *Reading is my window: books and the art of reading in women's prisons*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010.

WACQUANT, Loïc. Crafting the neoliberal state: workfare, prisonfare, and social insecurity. *Sociological Forum*, v. 25, n. 2, p. 197-220, 2010. Disponível em: <<http://loicwacquant.net/assets/Papers/CRAFTINGNEOLIBERALSTATE-pub.pdf>>.

_____. Três etapas para uma antropologia histórica do neoliberalismo realmente existente. *Caderno CRH*, v. 25, n. 66, p. 505-518, 2012. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=2825&article=1119&mode=pdf>>.

ZAITZOW, Barbara H.; THOMAS, Jim (orgs.). *Women in prison: gender and social control*. London: Lynne Rienner, 2003.

Julho de 2014, versão preprint do artigo a publicar com revisão em *Caderno CRH*, Salvador, 29(76):165-179 jan/abr 2016